

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA NACIONAL ESCOLA DE GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR

Fabiane da Silva Sanchez

**O PROTAGONISMO JUVENIL NA ESCOLA:  
PARTICIPAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL NA GESTÃO DEMOCRÁTICA**

SANTA CRUZ DO SUL  
2015

Fabiane da Silva Sanchez

**O PROTAGONISMO JUVENIL NA ESCOLA:  
PARTICIPAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL NA GESTÃO DEMOCRÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gestão Escolar, do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar.

Orientador (a): Prof. Dr. Márcio de Freitas do Amaral

SANTA CRUZ DO SUL  
2015

À minha querida família que de forma carinhosa e especial me apoiaram e colaboraram muito, doando seu tempo e contribuindo nas tarefas diárias para que eu conseguisse estudar e concluir esta etapa tão importante para mim.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, gostaria de agradecer...

- ❖ A Deus, em primeiro lugar por me abençoar com saúde, disposição física e sabedoria para concluir este projeto.
- ❖ Ao meu querido esposo, pelo companheirismo e apoio em todos os momentos.
- ❖ Aos meus estimados pais pelo incentivo que sempre me deram.
- ❖ Aos meus amados filhos, pelo apoio e incentivo.
- ❖ Aos alunos da escola que contribuíram muito com sua participação através das entrevistas.
- ❖ Aos professores que fizeram parte desta trajetória nos instigando em todos os momentos e despertando em nós o desejo de buscar mais conhecimento para aplicarmos no cotidiano escolar.
- ❖ A querida Stella que nos auxiliou em todos os momentos e dúvidas, com muito carinho e atenção.
- ❖ Aos professores orientadores, Maria de Fátima e Márcio, que de uma maneira muito especial incentivaram e valorizaram o que produzimos no decorrer deste curso e principalmente nos mostraram que somos capazes.
- ❖ A diretora da escola que me apoiou para que não desistíssemos no meio do caminho.
- ❖ E a todos que direta ou indiretamente contribuíram, o meu muito obrigado.

Tudo que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente.  
(Paulo Freire)

## RESUMO

Construir uma gestão democrática e participativa é um grande desafio para os gestores, e envolve toda a comunidade escolar. O presente trabalho tem como objetivo investigar a participação dos jovens no grêmio estudantil de uma escola pública localizada no município de Santa Cruz do Sul. Analisa o envolvimento desses sujeitos e a visão que eles têm acerca do grêmio estudantil, problematizando a relação dos jovens com a política e o espaço de participação. Discute sobre os obstáculos que encontram dentro da escola para que esta agremiação participe ativamente e a maneira como os gestores podem incentivar esta prática. Este trabalho teve como fonte de pesquisa as entrevistas feitas com os alunos do Grêmio Estudantil e com alunos que deixaram de fazer parte desta agremiação, além da entrevista com uma professora que orientou um Grêmio Estudantil nesta escola em outra oportunidade. O referencial teórico conta com a contribuição de autores como Danilo Gandin (1996), Ilma Veiga (2001; 2013), David Tripp (2005), Paulo Carrano (2012) e Juarez Dayrell (2007). O Grêmio estudantil constitui um meio de participação dos alunos na vida escolar, o que favorece a formação para a cidadania, tornando-se um espaço de discussão, criação e tomada de decisão acerca do processo escolar, bem como fortalecendo noções a respeito de direitos, deveres e convivência comunitária. Através desta experiência surgiram alguns questionamentos, entre eles, os motivos que levam a falta de participação dos jovens, os significados possíveis do “não gostar de política” e a visão que eles têm do Grêmio Estudantil como uma espécie de *voluntariado*, uma oportunidade de ajudar a escola a ser um lugar melhor. Contribuir para que este aluno deixe de ser figurante e passe a ser protagonista dentro da escola é uma das questões abordadas neste trabalho e como educadores e gestores podem contribuir nesse processo.

Palavras-chave: Grêmio Estudantil; participação; protagonismo; gestão democrática.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1. GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA UMA EXPERIÊNCIA A SER VIVIDA .....</b>	<b>11</b>
1.1 A PARTICIPAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL NA GESTÃO DEMOCRÁTICA .....	13
1.2 A IMPORTÂNCIA DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	14
1.3 INVESTIGAR PARA ENTENDER; ENTENDER PARA MUDAR.....	15
<b>2. O PENSAMENTO DOS JOVENS SOBRE POLÍTICA.....</b>	<b>17</b>
<b>3. A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA HISTÓRIA DO BRASIL ..</b>	<b>21</b>
<b>4. O PAPEL DO GRÊMIO ESTUDANTIL NA VIDA DOS JOVENS .....</b>	<b>23</b>
<b>5. A PARTICIPAÇÃO JUVENIL NO GRÊMIO ESTUDANTIL E A SOCIALIZAÇÃO DA JUVENTUDE .....</b>	<b>28</b>
<b>6. JOVENS: PROTAGONISTAS OU FIGURANTES.....</b>	<b>31</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a participação do Grêmio Estudantil na gestão democrática e participativa, sua influência e importância tanto para a escola quanto para o educando. Procura identificar os principais problemas e dificuldades enfrentados pelos alunos para participarem ativamente desta agremiação e analisar a atuação e participação dos gestores neste processo e conhecer melhor a realidade do Grêmio Estudantil.

Através deste estudo, passa-se a ter um maior conhecimento das intenções, expectativas e dificuldades, do que pensam e o que esperam desse espaço. Como veem a participação no Grêmio Estudantil, à falta de motivação, de tempo, de recursos financeiros e de apoio dos alunos da escola.

O gestor tem uma grande responsabilidade, a qual faz repensar as ações em relação à democracia e a participação. São grandes desafios que precisam ser trabalhados e que estão presentes no projeto político pedagógico, o qual incentiva a participação e o desenvolvimento crítico do aluno.

Uma gestão democrática se faz com a participação de todos, e o Grêmio Estudantil é um desses segmentos que precisa fazer parte desta gestão, representando os alunos e seus interesses, dialogando, expressando suas ideias e críticas, contribuindo desta forma em todos os aspectos da vida escolar para uma melhor qualidade da educação. Os jovens atuam como protagonistas e não como figurantes numa gestão democrática e participativa.

Para desenvolver esta pesquisa foram feitas entrevistas com alunos que fazem parte do atual Grêmio Estudantil da escola pesquisada, e com alguns que deixaram de participar. Realizou-se também entrevista com a professora que orientou um Grêmio Estudantil nesta mesma escola há alguns anos atrás. Através destas entrevistas e de alguns referenciais teóricos, foi possível investigar como tem sido a experiência de participar desta agremiação, o quanto essa participação pode contribuir no crescimento e desenvolvimento dos jovens como cidadãos atuantes na

sociedade em que estão inseridos e o quanto estes jovens podem contribuir com a escola.

Este trabalho se propõe a observar e analisar a atuação do Grêmio Estudantil desta escola. A escola estadual foi fundada em 07 de janeiro de 1970 com o nome de Escola Rural de Linha São João da Serra durante o governo de Euclides Triches. Em 26 de junho de 1980, passou a designar-se Escola de 1º Grau Incompleto Felipe Barros. Em 15 de março de 1996 foi solicitada a reativação da 5ª série do 1º Grau na escola para o ano de 1996. Em 7 de janeiro de 1997 foi autorizado o funcionamento da 6ª, 7ª e 8ª séries do ensino de 1º Grau na escola. Em 03 de agosto de 1998, a escola inaugurou seu novo prédio, com dois pisos e amplas instalações e já no ano seguinte, graças as suas condições físicas, foram implantadas a 8ª série e a pré-escola nível B.

Para a comunidade do bairro a história da sua escola reveste-se da maior importância, pois ela representa uma grande conquista que traz as marcas da sólida vida comunitária do bairro. Em agosto de 2015 a escola completou 17 anos de existência no prédio atual. Hoje atende cerca de 500 alunos, distribuídos nos turnos da manhã e tarde. Dispõem de 13 salas de aula, uma sala multifuncional, um laboratório de informática e uma biblioteca.

Conta com trinta e dois professores, sendo que mais de 50% trabalham os dois turnos na escola, todos com graduação e alguns com especialização. Os professores concursados trabalham há vários anos, e é raro saírem da escola. Fazem parte do grupo alguns professores contratados que trabalham temporariamente na escola para suprir a falta de professores concursados. Além de especialistas que trabalham na sala de recursos, supervisão, orientação escolar, e uma equipe de funcionários distribuídos nos setores da secretaria, limpeza e merenda escolar.

São oportunizados alguns projetos na escola, como o *Projeto do Meio Ambiente*, o *Programa Mais Educação*, o *Projeto de Leitura* e o *PROERD* (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência) promovido pela Brigada Militar.

A maioria dos alunos mora nos bairros próximos à escola. Atende também um grupo de crianças de um orfanato. Alguns alunos frequentam a escola no turno inverso através do *Programa Mais Educação* que acontece em três dias da semana onde oferece oficinas de futebol, violão, judô, dança e acompanhamento

pedagógico. Osicineiros são pessoas da comunidade que não possui vínculo com o Estado.

Além deste Programa na escola há também um projeto do município, criado há quatro anos, que funciona num prédio próximo à escola onde são oferecidas oficinas de *skate*, futebol, música, entre outras, que atende todos os dias da semana no turno inverso ao da escola.

O processo de escolha dos gestores se dá através de eleições. Os professores interessados organizam uma chapa, elaboram suas propostas e tem a oportunidade de expor seu plano de ação aos alunos, professores, funcionários e pais que através do voto escolhem os gestores. Esta já é a terceira gestão escolhida pela comunidade na escola.

Este trabalho adotou a pesquisa-ação como método de investigação, reflexão e avaliação, com o objetivo de observar a prática diária para melhorá-la. Entre os autores que inspiraram o desenvolvimento desta pesquisa cabe destacar Roberto Richardson (1988), David Tripp (2005), Ilma Veiga (2001; 2013), Danilo Gandin (1996), Carrano (2012) e Juarez Dayrell (2007).

Com o propósito de investigar um pouco mais sobre a participação dos jovens na escola, buscou-se através da observação e reflexão entender um pouco melhor essa realidade. Como se dá a participação dos jovens, o interesse que tem demonstrado e as dificuldades que enfrentam e também foi observada a forma como a gestão escolar tem contribuído e incentivado este tipo de participação. Até que ponto está sendo desenvolvida uma gestão democrática e participativa na ambiente escolar? Como o jovem de hoje tem visto a política e a oportunidade de participar? Quais os desafios que a gestão e o educando enfrentam para exercer a democracia e a participação? De que forma o diálogo pode contribuir para isso? O que é uma gestão democrática e participativa e como desenvolvê-la? Estas são algumas das questões discutidas neste trabalho e feitas através da observação e estudo sobre a atuação do Grêmio Estudantil nesta escola.

## **1. GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA UMA EXPERIÊNCIA A SER VIVIDA**

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), a escola desde então tem experimentado um novo tipo de gestão escolar, onde deixa de ser diretor e passa a ser um gestor que exerce a função de forma democrática e participativa, contando com a participação, o apoio e a opinião de vários segmentos que compõe esta instituição, entre eles os pais, alunos, funcionários e professores. Todos os segmentos participam desde então das tomadas de decisões da escola, discutindo juntos e chegando a determinadas conclusões sobre o que realmente é melhor para a escola.

Percebe-se a necessidade de maior envolvimento da comunidade escolar para ter melhores resultados. Através de experiências de participação, como os conselhos participativos e o grêmio estudantil, são oportunizados espaços que possibilitam trazer questões referentes ao que estão gostando na escola, às críticas, ideias e sugestões. Recursos estes que irão contribuir para se pensar melhor a qualidade da educação e construir ações em conjunto para possíveis mudanças. Ao buscar conhecer a realidade através do diálogo e da participação, prioriza-se uma educação de maior qualidade que venha de encontro com a realidade da comunidade onde a escola está inserida.

A escola deve ser orientada pela problematização do instituído e fortalecer o instituinte. A escola se organiza de dentro para fora. Pensar hoje a escola no bojo das dimensões da gestão democrática, do projeto político-pedagógico e da avaliação significa, é, sobretudo, uma reflexão coletiva e um fazer participativo. Nessas reflexões e nesses fazeres, não podem ser deixadas de lado as características dos alunos e nem as especificidades do contexto local em que está inserida a escola, ante as determinações do global. Nesse quadro, as escolas públicas experimentam movimentos de planejamento, de gestão e de avaliação. Esse movimento é coletivo, participativo, contínuo e incessante, a fim de garantir o acesso à permanência e o sucesso escolar dos alunos que nela buscam uma formação cidadã. (VEIGA, 2013, p. 164).

Nesse sentido, o grande desafio para o gestor é construir uma gestão participativa que conte com o apoio de toda a comunidade escolar. Isso precisa ser estimulado em vários momentos de decisões na escola. Segundo Azevedo e Mendonça (2012) a participação em uma escola deve ser parte do próprio processo educativo. Conforme os autores:

Uma escola pública que pretende ser democrática precisa contar com a participação da comunidade escolar. Mas sabemos que este é um grande desafio, pois não estamos acostumados, precisamos ouvir o outro, ouvir as ideias diferentes e através do diálogo chegar a um consenso do que realmente é melhor. A democracia se constrói pela riqueza das diferenças e pela possibilidade de participação plena desses sujeitos. (AZEVEDO; MENDONÇA, 2012; p.2).

Paulo Freire afirmava: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p.78). A gestão democrática vai muito mais além do que ter a oportunidade de escolher através do voto quem será o gestor da instituição, é participar ativamente das tomadas de decisões, das discussões sobre o que ser feito para ter uma educação de qualidade na escola. É ouvir e interagir com os vários segmentos que formam a escola, tendo assim uma visão mais completa do todo. O diálogo torna-se um meio importante para se fazer uma gestão democrática.

Devemos lembrar que a gestão democrática não se resume em eleições ou escolha democrática do diretor escolar. É preciso muito mais do que isso. Nesse sentido, dentro da escola podemos criar conselhos ou grupos que ajudem na efetivação da democracia na escola. Tais instâncias colegiadas devem fazer parte do Projeto Político-Pedagógico da escola, conhecer e construir a concepção educacional que orienta a prática pedagógica. Mas como se constrói uma escola verdadeiramente democrática e autônoma? Sabemos que numa escola democrática, torna-se pertinente “criar órgãos de gestão que garantam, por um lado, a representatividade e, por outro, a continuidade e consequentemente a legitimidade”. (VEIGA, 2001, p. 115).

A gestão democrática vai muito além da oportunidade de apenas escolher o diretor da escola. Ela está relacionada à tomada de decisões em relação a tudo que acontece na escola. Para ter uma gestão democrática e participativa é preciso contar com o apoio e a participação de vários grupos que representam a comunidade escolar, para que juntos, discutam e decidam o que realmente é melhor e o que deve ser feito para atingir o objetivo de uma melhor qualidade da educação.

O conselho escolar, o círculo de pais e mestres e o grêmio estudantil constituem-se, entre outros, importantes espaços de representação da comunidade escolar, participando das tomadas de decisões e assim, construindo uma gestão democrática e participativa.

### 1.1 A PARTICIPAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL NA GESTÃO DEMOCRÁTICA

Uma escola democrática conta com a participação dos alunos na tomada de decisões. Incentiva os alunos a aprenderem a exercer e conhecer seus direitos de cidadão através da participação. A própria Estatuto da Criança e do Adolescente garante o direito à participação dos alunos. Eles precisam ser ouvidos em todos os assuntos que lhe dizem respeito.

O Grêmio Estudantil é um recurso que serve para aproximar os alunos e incentivar o exercício da cidadania. Conforme afirmava Paulo Freire (1996, p. 26) “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Diz ainda, que, para se aprender criticamente, exige-se a “presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (Idem, p. 26).

Contribuir para formação de alunos autônomos, críticos, investigadores, curiosos, participativos, que questionem e busquem soluções e alternativas para os problemas que os cercam, é um dos objetivos da educação. E quando isso acontece, há um maior envolvimento, comprometimento e responsabilidade. Por isso é importante que tenham a oportunidade de participar. Uma gestão democrática e participativa acontece quando todos os envolvidos na educação são ouvidos, inclusive o aluno.

É que na maioria das vezes não deixam agente fazer, acham que agente não consegue fazer as coisas e pela responsabilidade que é bem grande. Ou pelo menos que acham que agente não consiga fazer, talvez achem que nossa responsabilidade não é tão grande. Falta um pouco de confiança. (jovem feminina 14 anos)

A escola é um local onde acontece uma série de relacionamentos, onde precisa haver colaboração, participação e compromisso. Há muita diversidade, ideias, sugestões, e onde tem indivíduos de todos os tipos, com comportamentos, expectativas, anseios, rotinas e valores diferentes. Usar toda essa diversidade de maneira positiva, contribuirá para uma educação de melhor qualidade.

## 1.2 A IMPORTÂNCIA DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada iniciou sua reelaboração a partir de um grupo formado pela equipe diretiva que buscou outros modelos e referências necessárias para se pensar o PPP, incluindo uma consulta à comunidade através de um questionário enviado aos pais. Partindo destes materiais, o grupo conduziu diversas reuniões com alunos, professores, funcionários e pais para questionar e refletir sobre a realidade da comunidade e seu contexto educacional, propondo mudanças e alterações na construção do projeto político pedagógico, tornando-o documento de referência para desenvolver suas ações.

De acordo com Gandin (1996, p.1.) é extremamente importante à construção coletiva de um projeto político-pedagógico nas escolas. O Projeto Político Pedagógico leva a ação e se for bem planejado, estudado e avaliado constantemente traz grandes resultados para a escola.

Na nossa opinião, a noção de “qualidade” não pode ser desligada de suas vinculações com relações de poder, interesse e dominação. A questão da “qualidade” não é uma questão meramente técnica, que dependa da manipulação tecnocrática de umas quantas variáveis, entre as quais um currículo nacional. A questão da “qualidade em educação” é fundamentalmente política, vinculada a decisões e a conflitos sobre quais grupos obtêm quais recursos e em que quantidade. A questão da “qualidade em educação” é necessariamente relacional em seu vínculo com a distribuição e partilha dos recursos e da riqueza. A noção [política] de “qualidade” aponta para a valorização financeira e social do magistério, para a distribuição prioritária de recursos para a educação dos grupos excluídos e marginalizados, para a adoção de políticas econômicas e sociais que ataquem na raiz as causas dos desempenhos educacionais inferiores desses grupos. (GANDIN, 1996, p.1).

Ter bem claro o rumo que se quer tomar e o que se quer fazer contribuirá para atingir os objetivos. Não saber onde se pretende chegar torna o trabalho cansativo e sem propósito. Planejar, pensar, refletir, avaliar e reavaliar as ações fornece meios para um trabalho de maior qualidade e que atinja seus objetivos.

[...] o que importa não é fazer muitas coisas, mas saber o porquê de cada uma das coisas que fazemos. Nesse sentido não basta ter eficiência (fazer bem algo); é preciso combinar eficiência com eficácia (fazer bem algo que seja importante). O importante é coordenar as ações desenvolvidas na escola de modo que elas não sejam aleatórias, mas apontem para a mesma direção construída pelo coletivo da escola. (GANDIN, 1996, p. 2).

Ao priorizar a qualidade da educação, a escola traça os rumos coletivamente de onde quer chegar. Decide o rumo e continua planejando e avaliando o que está sendo feito. Observando se as ações, estão levando ao caminho que foi traçado e corrigindo o que está errado, observando o que está faltando e dando continuidade. Desta forma estará sendo feito um trabalho que trará resultados positivos.

É preciso uma metodologia muito clara, com as regras bastante transparentes para que esta metodologia não signifique um entrave à realização dos ideais criados pelo grupo. Esta fase deve ser ela própria, o princípio da vivência dos valores que o coletivo quer ver na escola. Não faz sentido falar de participação como um dos ideais e construir uma metodologia que não seja participativa (GANDIN, 1996, p.3).

Ao elaborar o Projeto Político Pedagógico é necessário ter cuidado para que ele não se torne algo que vem atrapalhar, mas sim para dar um norte ao trabalho que será desenvolvido na escola, e para que ele venha a ter bons resultados e consiga atingir os objetivos esperados. Seria importante contar com a participação de todos os segmentos não só no desenvolvimento como na própria elaboração.

### 1.3 INVESTIGAR PARA ENTENDER; ENTENDER PARA MUDAR.

A proposta metodológica deste trabalho é fundamentada na pesquisa-ação, método qualitativo que busca planejar, observar, refletir e agir de forma consciente e rigorosa a partir da experiência cotidiana. Amplia-se o conhecimento através da

prática diária e assim se consegue traçar novos rumos para desenvolver uma gestão democrática e participativa na escola.

Para Richardson (2003) o objetivo da pesquisa-ação é a mudança, uma mudança para melhor. Melhorar a prática dos participantes, a sua compreensão e a situação onde se produz a prática e assim assegurar a participação dos integrantes neste processo, organizando democraticamente a ação e propiciando a oportunidade de comprometimento dos participantes com a mudança.

É com este objetivo que a pesquisa foi desenvolvida, pois o Grêmio Estudantil existe na escola desde 1997 e percebe-se que há pouca participação e envolvimento.

Foram entrevistados oito alunos que compõe o atual Grêmio Estudantil, alguns que participavam, mas que por algum motivo saíram e uma professora que atuou no acompanhamento e orientação desse segmento na escola. Para aprofundar a reflexão usou-se o referencial teórico a partir de levantamento bibliográfico, buscando-se refletir sobre a atuação do Grêmio Estudantil e um estudo mais aprofundado sobre esta agremiação e a sua forma de participação na escola. Procura-se também analisar a gestão democrática e a participação dos jovens e seu envolvimento com a política.

## 2. O PENSAMENTO DOS JOVENS SOBRE POLÍTICA

Jovem e política, segundo o depoimento de um dos alunos entrevistados, é uma coisa que não combina. Segundo afirmam, “os jovens estão bem distantes, não dão muita atenção, mas acham que deveriam porque são eles que vão eleger os políticos no futuro”.

Jovens não gostam muito de política, também não são ligados nisso, é coisa chata, entediante. Também o lado bom é que agente pode tentar fazer a diferença ou tentar mudar alguma coisa que não estamos gostando. (Entrevista - Jovem masculino, 15 anos).

- É uma coisa muito louca. O jovem não se interessa pela política. (Entrevista - Jovem masculino, 15 anos).

Participar da política para os jovens é considerado algo sem graça e sem motivação, é considerado algo chato. Qual será o motivo que tem levado os jovens a não gostarem de política e a não se interessarem. Só este por si só poderia ser um dos objetivos principais desta pesquisa o qual contribuiria grandemente para entendermos melhor o jovem e as atitudes que tem tido em relação à política.

Na realidade estão bem distantes da política, não dão muita atenção, até pra política do dia – dia, mas eu acho que deveriam dar mais, porque o jovem de hoje é o votante de amanhã e quem vai colocar os políticos no lugar onde eles devem estar. (Entrevista - Jovem masculino, 15 anos).

Ao mesmo tempo em que não gostam e não se interessam, eles têm claro que é importante entender sobre política e participar também, sabem da responsabilidade que terão no futuro em relação a isso. O avanço da tecnologia tem sido um dos grandes aceleradores e modificadores do comportamento dos jovens,

mas isso não quer dizer que os jovens não gostam e não se interessam. O que se observa é que eles a veem de uma forma diferente.

É necessário entender as novas formas de participação política do jovem. Os tempos mudaram e a maneira dos jovens fazerem política também mudou.

Conforme Carrano, (2012) hoje os jovens usam as redes sociais virtuais e a internet como meios de se comunicarem e de participarem. É preciso entender como e onde a participação acontece. Ao tentar entender é provável conseguir chegar a uma compreensão de como se dá essa nova forma de fazer política.

Uma mistificação facilmente encontrada, principalmente nas mídias, é a de que os jovens “de hoje” seriam menos participantes do que os jovens do passado. Há carência de estudos comparativos que possam confirmar a hipótese acima. É preciso dizer, contudo, que jovens de diferentes estratos sociais dão expressivas evidências de rejeição ao ofício da “política profissional” e seus agentes: os políticos. Esta é, sem dúvida, sinalização preocupante, pois, a baixa confiabilidade na política fragiliza a institucionalidade democrática que se organiza na base da representação partidária. (CARRANO, 2012, p.95)

Carrano (2012) chama a atenção para o fato de que há algumas camadas sociais que são mais distantes que outras da política e, segundo o autor, isso é preocupante, pois a falta de confiança na política acaba comprometendo a noção de democracia. É provável que a esperança e a expectativa em relação à política também tem feito aumentar o desinteresse, fazendo com que se perca a credibilidade na política e nos políticos.

Em pesquisa que indagou o potencial de engajamento democrático de jovens de oito regiões metropolitanas brasileiras (IBASE/PÓLIS, 2005), foi possível perceber que os interesses juvenis estavam majoritariamente voltados para objetivos de ordem prática. Ressalta-se a preocupação com a violência nas cidades, além das reivindicações por melhorias das condições de educação e empregabilidade (qualificação técnico-profissional, acesso à formação superior e melhorias de acesso ao primeiro emprego, por exemplo). A pesquisa verificou que cerca de 70% dos jovens entrevistados não tem nenhum envolvimento associativo ou participa de processos de mobilização social ( CARRANO, 2012, p.94).

Outro ponto que merece destaque é que o jovem está cada vez mais cedo entrando no mercado de trabalho. Muitos continuam estudando, e por causa disso

resta pouco tempo para participar de atividades políticas. Eles afirmam que no final de semana é o tempo para se divertirem, passearem e não de pensar em ações políticas.

A busca pela sobrevivência não é compatível com o tempo livre que as atividades de participação política demandam aos cidadãos. A necessidade de trabalhar é, neste sentido, uma das principais razões da diminuição do potencial participativo na sociedade. O aumento da idade coincide, então, com a diminuição das oportunidades e disposição para a participação e o engajamento militante. ( CARRANO, 2012, p.95)

Segundo afirma o autor, “os jovens tendem a se engajar mais em causas do que em instituições. Aderem a ações coletivas que lhes permitam controlar os processos decisórios e cujos resultados não sejam postergados para um futuro longínquo” (CARRANO, 2012, p.94). Esse é outro fator de extrema importância para entender mais um aspecto da questão em relação à participação política dos jovens.

Ao questionar os jovens entrevistados sobre a expectativa que tinha em relação ao Grêmio Estudantil e como tinha sido essa experiência, demonstraram insatisfação, pois tinham um pensamento diferente do que foi a realidade. Esperavam mais, pensavam que seria bem mais fácil e que poderiam fazer tudo o que quisessem.

-Nem tanto, eu achei que o grêmio seria mais ativo. (Entrevista - Jovem masculino, 15 anos)

-Achei que teria mais coisas que agente pudesse fazer pela escola. (Entrevista - Jovem masculino, 15 anos)

-Eu pensei que agente ia poder fazer mais coisas do que agente conseguiu fazer até agora. (Entrevista - Jovem masculino, 15 anos)

- A gente achava que era só chegar e falar tal ideia. (Entrevista - Jovem masculino, 14 anos)

- Também pensava que ia ter menos coisas para fazer, mas aí vimos que tem bastante coisa para fazer. (Entrevista – Jovem feminina, 14 anos)

Numa gestão democrática é importante contar com a participação do jovem. Dialogar com a juventude é uma forma de melhor entendê-los. Enquanto instituição que busca incentivar esse tipo de participação, encontrar meios e recursos para entender melhor o jovem e a sua forma de participar passam a ser algo de valor que precisa ser priorizado. Compreender como a juventude pensa e veem estas questões, trabalhar a democracia e o exercício desse direito é importante.

Melucci (2001) alertou para o fato de que os jovens podem ser a ponta de um iceberg que, se interpretada, poderia nos dar pistas para a percepção antecipadora das formas sociais do futuro. Este é um bom alerta. Estejamos atentos como cidadãos e também pesquisadores para os sinais, demandas, impasses, movimentos e expressividades juvenis e dispostos ao diálogo intergeracional. Este é um caminho para que possamos colaborar com a continuidade e o aprimoramento do jogo democrático que não pode ocorrer sem a radicalização dos processos de participação social e política. E, sob nenhuma hipótese, pode prescindir do diálogo com as novas gerações. (CARRANO, 2012, p.96)

A partir do momento em que os gestores se preocuparem em proporcionar oportunidades para estimular, incentivar e contar com a participação ativa desta juventude, que com certeza tem muito a acrescentar e contribuir para o crescimento e desenvolvimento da escola e da educação compreenderão melhor os jovens e as formas de participação, encontrando respostas e meios de mudar e melhorar muitas práticas relacionadas à participação e a democracia na escola.

### 3. A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA HISTORIA DO BRASIL

A história do Movimento Estudantil no Brasil tem início quando o Presidente Getulio Vargas cria em 1937 a UNE (União Nacional dos Estudantes). Desde então os alunos passam a fazer parte de várias mobilizações não só na área educacional, mas política também passando a ter grande influência no país.

Com o golpe de 1964, a UNE foi uma das entidades perseguida pelo governo, principalmente por se manifestar contrária ao governo militar e ser uma organização de resistência e crítica ao governo. No segundo semestre de 1964, é criada a *lei Suplicy* com objetivo de criar entidades oficiais para representar os estudantes que fossem aliados ao governo, desarticulando dessa forma a União Nacional dos Estudantes (UNE). Mesmo assim, a UNE continuou organizando seus movimentos e se posicionando contra o governo.

Devido a forte pressão, perseguição política aos líderes estudantis e a intervenção do governo militar a UNE na década de 70 é fechada. Por volta de 1979 a UNE volta a se organizar novamente e participa de um dos maiores movimentos que é a campanha das Diretas já, volta de forma lenta a se articular novamente, mas somente em 1992 com o processo de impeachment do presidente Collor, ela novamente volta às ruas com grande protesto que obteve vitória, conseguindo destituir o presidente da república do seu cargo.

Já a participação dos Grêmios Estudantil é mais recente, durante o período da ditadura militar eles foram proibidos, ficando a cargo das direções escolares a responsabilidade de administrar as atividades cívicas na escola. Só a partir de 1985, os Grêmios estudantis voltam a se organizar novamente.

Aos estudantes de estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus fica assegurada a organização de Estudantes como entidades autônomas representativas dos interesses dos estudantes secundaristas com finalidades educacionais, culturais, cívicas esportivas e sociais. (BRASIL, lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985, art. 1º)

Nesse sentido, a abertura democrática iniciada a partir do fim dos anos 80, os Grêmios Estudantis tiveram a oportunidade de retomar sua ação coletiva nas escolas, sendo reconhecidos por lei como um dos espaços de participação legítima dos estudantes.

#### 4. O PAPEL DO GRÊMIO ESTUDANTIL NA VIDA DOS JOVENS

O Grêmio Estudantil representa os interesses dos alunos na escola. É uma das primeiras oportunidades de espaço político que os jovens têm contato e onde começam a praticar a participação, a reivindicar seus direitos e a expor suas ideias e sugestões. Fazer parte do Grêmio Estudantil é uma experiência de participação democrática onde os alunos têm a oportunidade de exercer seu protagonismo. Através desta agremiação poderão organizar na escola várias atividades de caráter cultural, esportivo, social e educacional. O jovem torna-se um protagonista dentro da escola, sente que realmente faz parte dela, pois participa ativamente de todos os momentos da vida escolar. Age como representante de uma grande maioria. Tem a oportunidade de discutir seus direitos e deveres e junto com os demais grupos que formam a comunidade escolar abordar vários assuntos sobre a escola, a comunidade e a sociedade em que estão inseridos.

Na entrevista realizada com a professora que atuou junto ao Grêmio Estudantil no ano de 2007-2008, ela relata ter participado por duas vezes do Grêmio Estudantil como professora coordenadora. Para ela a importância dessa associação é grande, pois é a representação dos alunos na escola.

Participei por duas vezes como professora coordenadora. A importância do Grêmio Estudantil é grande, pois é a representação dos alunos na escola. Por isso é importante fazer a eleição do mesmo. É importante na democratização da escola. (Entrevista: Professora coordenadora de um Grêmio Estudantil)

Sendo a escola de Ensino Fundamental, os alunos necessitam de um acompanhamento, no sentido de estimulá-los para não desistirem. Ela citou algumas coisas que foram feitas durante o mandato deste Grêmio Estudantil como gincanas, jornal, interséries, participação na oficina de trânsito e tribos.

Afirmou também que muitos alunos iniciavam, mas quando viam que teriam que comprometer-se com as atividades acabavam desistindo.

Como nossa escola é de Ensino Fundamental os alunos necessitam de acompanhamento, no sentido de estimulá-los para que não desistam. Fizemos gincana, jornal, interséries, participação na oficina de trânsito e tribos. Muitos alunos iniciavam, mas quando viam que teriam que comprometer-se com as atividades acabavam desistindo. Foi uma boa experiência (Entrevista professora coordenadora do Grêmio Estudantil)

Para a professora participar do Grêmio Estudantil significa despertar o espírito de liderança e o trabalho em equipe. O grêmio estudantil tem um importante papel na formação desses jovens, no desenvolvimento social, político e crítico. Ao incentivar este tipo de participação, estará sendo priorizada uma gestão de caráter democrático e participativo.

Ao questionar os jovens sobre o quanto a experiência em participar do Grêmio Estudantil tinha contribuído para cada um deles, falam do crescimento, do amadurecimento, da responsabilidade e do comprometimento que desenvolveram no decorrer deste tempo que estiveram participando desta agremiação. Percebe-se que o veem como algo que trouxe contribuições positivas para suas vidas.

Na responsabilidade, a gente pensava que dava a ideia e deu, vamos fazer isso, aquilo. Agente aprendeu que não é tudo assim como agente quer, não é tudo de mão beijada que agente tem que lutar pra ter o que a gente quer. (Entrevista - jovem masculino, 14 anos).

E também a gente tem que fazer com mais cuidado possível, tem que fazer tudo bem feito. Eu fiquei mais responsável para fazer as coisas, fiquei mais madura, to pensando melhor nas coisas eu faço. (Entrevista - jovem feminina, 14 anos).

Por meio do Grêmio Estudantil são oportunizados momentos de discussão, espaços de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e experiências onde aprendam a tomar decisões, decidir o que é melhor para o grupo que eles representam, onde aprendam a trabalhar em equipe e de forma organizada, desenvolvam a habilidade de questionar e decidir o que devem fazer. Tendo a

oportunidade de ter voz ativa, de poder ser ouvido, e de poder participar junto com pais, professores e funcionários das decisões e construção das regras da escola.

Se organizar às vezes é um pouco difícil, por que tem opinião diferente, às vezes dá discussão, tem pessoas que não aceitam, e o grêmio precisa ser bem unido e às vezes não é. (Entrevista - jovem feminina 14 anos).

A escola além de ser um espaço de aprendizagem, também é um grande espaço de socialização, onde os alunos interagem com os professores, funcionários e colegas, e onde podem viver experiências variadas que serão o início de sua formação como cidadão.

Segundo o relato de alguns alunos entrevistados o Grêmio Estudantil serve como um apoio à direção da escola. É um grupo de alunos querendo ajudar a escola, que busca algumas coisas diferentes, algumas melhorias e mudanças. Tem o caráter de apenas contribuir com aquilo que lhe for solicitado e permitido realizar.

Pra mim Grêmio Estudantil é um monte de alunos querendo ajudar a escola, ajudando na merenda, ajudando nos esportes, em tudo mais ou menos (Entrevista - jovem masculino 15 anos).

É isso aí, um monte de alunos querendo ajudar, a fazer alguma coisa pendente, se vai ter alguma coisa na escola, ajudar a preparar alguma coisa pra aquela festa. E também trazer os outros aluno, acho que essa é a parte mais importante do pessoal do Grêmio Estudantil manter os alunos bem próximos de toda a escola. (Entrevista - jovem masculino 15 anos).

Sim poder fazer bastante, sim e o grêmio também não só ter ideias, mas meios pra fazer. Agente queria fazer o jornal da escola, mas não tinha dinheiro pra fazer. O Grêmio Estudantil precisa ter o seu próprio caixa pra ser independente. (Entrevista - jovem masculino 15 anos).

Entre essas falas se destaca a de uma jovem que afirma quando não é permitido contribuir, um grêmio deixa de ser importante. E complementa dizendo ser esta uma das principais razões pela qual se retirou do grupo.

É regra da escola, sei lá, agente queria fazer passeio e disse que não, que isso era regra da escola. Tipo as ideias que a gente propõe achava uma desculpa pra gente não fazer, varias coisas diferentes, até dentro da escola. Tipo, as ideias que não são nossas tem que aceitar. Não é uma coisa que o grêmio decide, mas o certo é o grêmio decidir as coisas. (Entrevista - jovem feminina, 15 anos).

Oportunidade pra gente poder trabalhar. Lógico que algumas ideias malucas não dá pra gente por em prática. Mas coisas simples (Entrevista - jovem masculino 15 anos).

Faz-se necessário mudar está ótica e pré-conceito a respeito dos jovens, e deixar de impor, mas sim ouvir e discutir juntos, dar liberdade para pensar, propor, questionar, encontrar e sugerir soluções. Investir em suas capacidades e oportunizar possibilidades de exercerem e desenvolverem essas habilidades.

No caso das políticas públicas destinadas aos jovens na última década, nota-se que elas se destinaram muito mais a oferecer aquilo que se intuiu ser as necessidades dos jovens e muito menos a se ocupar em indagar ou provocar processos que abrissem espaços e tempos de diálogo para que os próprios jovens apontassem caminhos e demandas. Os jovens precisam de espaços e tempos não apenas para receber projetos pré-concebidos por lógicas adultas; eles e elas querem dizer o que precisam e sinalizar para o que podem fazer individual e coletivamente. (CARRANO, 2012, p.89-90)

As políticas públicas estão voltadas mais para impor projetos prontos aos jovens, sem buscar questionar e ouvir o que eles têm a dizer e o que gostariam que fosse feito. O desejo é que tenham a oportunidade não só de desenvolverem os projetos, mas contribuírem na construção e elaboração, tendo a oportunidade de expressar os seus interesses.

Segundo relatam os jovens, um Grêmio Estudantil ideal seria aquele em que se podem fazer várias coisas, que tem incentivo, que tem apoio, que tem meios de poder fazer o que planejam que possam ver as ações terem resultado e darem certo, que tenha a oportunidade de discutir e encontrar novas saídas. Um Grêmio

Estudantil ideal seria aquele em que os integrantes são unidos, que tem boas ideias e que juntos buscam fazer coisas boas pela escola.

Porque agente tinha interesse em fazer, e depois de um tempo agente desanimou. Um Grêmio ideal seria poder fazer bastante coisa pela escola. Não só ter ideias, mas meios pra fazer, agente queria fazer o jornal da escola, mas não tinha dinheiro pra fazer. O grêmio estudantil precisa ter o seu próprio caixa pra ser independente. (Entrevista - jovem feminina, 15 anos).

Percebesse entre os jovens que desejam ter mais autonomia e liberdade e que gostariam de poder fazer mais, mas faltam alguns recursos que os impede. Questiona-se o quanto a escola está contribuindo para que esses jovens estejam sendo preparados para atuar na sociedade, sendo críticos, participativos, questionadores e capazes de lutar por seus interesses. Essa é uma questão instigadora, a qual nos faz repensar as atitudes, os paradigmas e a forma de agir com os jovens e as oportunidades que proporcionamos a eles para aprender e desenvolver habilidades dentro do ambiente escolar, experiências que poderão trazer grandes contribuições.

## 5. A PARTICIPAÇÃO JUVENIL NO GRÊMIO ESTUDANTIL E A SOCIALIZAÇÃO DA JUVENTUDE

Como pesquisadora, observando no decorrer destes anos de experiência na educação, tenho percebido e fiquei instigada em encontrar uma resposta ou razão que explique o porquê da falta de vontade de participar e de se envolver, que observamos nos jovens de hoje. E entre as análises levantadas, a primeira delas foi a de que nós entendemos pouquíssimo sobre o mundo deles, o que pensam, e o que realmente se interessam. Como paradigma dualista, na visão de encontrar um “vilão e um mocinho”, buscamos encontrar um culpado, alguém que se responsabilize pelos erros e pelos problemas. Entretanto, em um tempo de complexidades, precisa-se superar essa visão e compreender as razões a partir de outros olhares, é bem mais complexo do que se imagina.

Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços. [...] Trata-se de compreender suas práticas e símbolos como a manifestação de um novo modo de ser jovem, expressão das mudanças ocorridas nos processos de socialização, que coloca em questão o sistema educativo, suas ofertas e as posturas pedagógicas que lhes informam. Propomos, assim, uma mudança do eixo da reflexão, passando das instituições educativas para os sujeitos jovens, onde é a escola que tem de ser repensada para responder aos desafios que a juventude nos coloca. Quando o ser humano passa a se colocar novas interrogações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente. Nesse sentido, cabe questionar em que medida a escola “faz” a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambiguidades vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil. (DAYRELL, 2007, p.2-3)

Tendo em vista essa compreensão, percebe-se a necessidade de um estudo mais aprofundado e um maior conhecimento sobre a juventude, para compreendê-los melhor e enquanto instituição, que faz parte da vida diária deste jovem, poder intervir e contribuir para o crescimento e desenvolvimento destes cidadãos. Conforme cita Dayrell (2007), é um problema bem mais complexo e que ao longo dos anos vem sofrendo mudanças e interferência de vários meios que o cercam. É

importante encontrar um jeito de entender e conhecer melhor os jovens, suas especificidades e suas demandas, reconhecendo-os como sujeitos de direito. Repensar a escola e o papel que ela desempenha é um exercício a ser praticado diariamente para conseguir obter mais resultados.

A escola tem de se perguntar se ainda é válida uma proposta educativa de massas, homogênea, com tempos e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora, em que a formação moral predomina sobre a formação ética, em um contexto dinâmico, marcado pela flexibilidade e fluidez, de individualização crescente e de identidades plurais. Parece-nos que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas, sim, reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia. Demanda dos seus professores uma postura de escuta – que se tornem seus interlocutores diante de suas crises, dúvidas e perplexidades geradas, ao trilharem os labirintos e encruzilhadas que constituem sua trajetória de vida. Enfim, parecem-nos que demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida, em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino. (DAYRELL, 2007, p.21)

A escola não tem evoluído na mesma proporção que os jovens, e não está atendendo o interesse e as necessidades desta juventude. A escola recebe diversos tipos de alunos com realidades bem diversas, com características próprias, inseridos num contexto familiar, religioso, social, com costumes e tradições próprias, diferentes entre si. E a escola continua tratando a todos de uma forma igual. Ao fazer isto a escola tem tratado a todos de uma forma homogênea sem levar em consideração todas as diferenças que esses alunos trazem para a escola. A partir destas observações percebe-se que a escola precisa repensar suas práticas, pois para atingir e despertar o interesse dos alunos pela escola, ela precisa observar e ouvir as individualidades e a diversidade que é encontrada na escola. Para isso é importante ouvir mais, investigar e conhecer melhor o contexto dos alunos que fazem parte desta realidade escolar.

Uma das observações feitas com os alunos que foram entrevistados é a necessidade de serem ouvidos, de poderem expressar suas opiniões e ideias.

Eu me interessei porque sempre queria que acontecesse alguma coisa na escola, mas nunca tinha, e aí eu pensei eu se eu entrasse eu podia fazer alguma coisa. Só que daí foi um pouco diferente. (Entrevista - jovem feminina 14 anos).

Agente achou legal porque agente ia poder ajudar a fazer algumas coisas na escola, ajudar a organizar esportes, algum evento, alguma saída e foi isso que mais chamou atenção. Pra gente poder ajudar mais neste sentido e também pra reunir mais nossa turma porque ela era um pouco mais separada. (Entrevista - jovem masculino 15 anos).

Percebe-se o anseio que demonstram e a frustração por não conseguirem realizar os projetos e ideias que tinham em relação ao Grêmio Estudantil.

A escola ao repensar os desafios que tem encontrado em tornar a escola um ambiente onde o aluno queira estar, onde participe e ao mesmo tempo tenha motivação, precisa rever seus conceitos e suas ações diárias. Observar melhor o aluno e ouvi-lo, conhecer mais as diferenças e olhar a cada um de forma individual. Talvez esta seja uma das formas para encontrarmos novas alternativas para tornar a escola mais motivacional onde aluno, a família e a comunidade percebam e valorizem esta instituição como um espaço que poderá trazer grandes contribuições para o educando.

De acordo com a pergunta feita por Dayrell (2007) se a escola faz a juventude? Precisam-se encontrar meios de responder a esta pergunta de forma positiva, pois só assim a escola pode ser vista como uma instituição que trás grandes contribuições para a sociedade. Do contrário educandos e educadores continuarão percorrendo rumos diferentes sem atingir os propósitos da educação, mas para isso, uma das práticas que precisa ser aprimorada dentro da escola é de escutar o outro, conhecer sua realidade e encontrar meios de desenvolver um trabalho que atinja a todos de forma individual, valorizando e priorizando as diferenças.

## 6. JOVENS: PROTAGONISTAS OU FIGURANTES

Há muito que questionar com relação a estas duas palavras e os jovens de hoje e interligá-las a escola e a contribuição que ela tem dado para o desenvolvimento de uma ou de outra. Que escola temos? Aquela que está preparando o educando para ser protagonista ou figurante na sociedade em que está inserido?

Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, é contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais. O peso da tradição encontra-se diluído e os caminhos a seguir são mais incertos. (CARRANO, 2012, p.86)

É grande a responsabilidade que uma instituição de ensino tem na preparação desses jovens de contribuir para que ele seja um cidadão responsável, crítico e participativo, atuante na sociedade, questionador, observador e que consiga expor suas ideias.

O Grêmio Estudantil tem sido visto como uma grande oportunidade e início desse tipo de participação que irá colaborar e trabalhar para que essas habilidades sejam aprimoradas através da prática dentro do ambiente escolar.

Governos e instituições promovem enquetes, sondagens, fóruns, conferências, encenam parlamentos jovens, isso tudo para exercitar a participação ou ainda para “medir” os humores e opiniões de cidadãos e consumidores. Entretanto, somente muito raramente encontramos abertura de processos participativos mais diretos que possam influenciar decisivamente nos rumos das instituições. (CARRANO, 2012, p.87)

Está longe de poder afirmar que governos e instituições estão fazendo uma gestão democrática e participativa e que o jovem é um cidadão participante e ativo. Tem sido feito algumas coisas para que isso aconteça, mas é preciso investir muito para que se torne realidade.

O Grêmio Estudantil é a organização que representa os interesses dos estudantes na escola. Ele permite que os alunos discutam, criem e fortaleçam inúmeras possibilidades de ação tanto no próprio ambiente escolar como na comunidade. O Grêmio é também um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e luta por direitos. Por isso, um dos seus principais objetivos é contribuir para aumentar a participação dos alunos nas atividades da escola, organizando campeonatos, palestras, projetos e discussões, fazendo com que os alunos tenham voz ativa e participem junto com pais, funcionários, professores, e gestores da construção dos rumos da escola.

Um Grêmio Estudantil pode promover desde festas nos finais de semana até exigir melhorias na qualidade do ensino. Ele tem o potencial de integrar os alunos entre si, com toda a escola e com a comunidade. Em todo lugar sempre tem algo importante a ser melhorado ou construído.

O Grêmio Estudantil é uma das primeiras oportunidades que os jovens têm de participar na sociedade. Nesse espaço, os alunos têm voz na tomada de decisões da escola, apresentando suas ideias e opiniões. Mas toda participação exige responsabilidade e compromisso de procurar defender os interesses dos alunos, representando-os sempre que tiver oportunidade.

Participar torna-se o tema principal, mas o que se dizer do jovem de hoje e da disposição de participar, há quem diga que a juventude não tem interesse em participar, outros que os jovens de hoje são muito diferentes dos jovens de outrora em relação à militância. Mas no que são diferentes? Por que não participam? E o que realmente entendemos sobre participação? Será que temos a mesma definição de participação que os jovens? E que oportunidades são oferecidas para participar?

Entretanto, somente muito raramente encontramos abertura de processos participativos mais diretos que possam influenciar decisivamente nos rumos das instituições. O que busco afirmar é que participação não é um conceito pacífico e nem sempre traz em si o princípio generoso de envolvimento de todos nos processos de decisão. O conceito de participação assumiu ao longo da história sentido democrático passando quase mesmo a ser sinônimo de democracia. Contudo, não devemos esquecer as diferentes estratégias aristocráticas e autoritárias utilizadas pelos donos do poder de diferentes épocas, lugares e instituições para mitigar o espectro da participação. (CARRANO, 2012, p.87)

Que tipo de participação está sendo oferecida dentro da escola? Estão realmente ouvindo a todos, discutindo juntos, pensando e tendo visões diferentes ou estão apenas proporcionando alguns momentos de participação induzidas, na qual as decisões já estão praticamente tomadas e apenas deixam que participem das decisões finais?

A noção de democracia talvez não seja tão clara. A gestão democrática e participativa é um fazer coletivo, onde todos tem o direito de participar e em todos os assuntos que dizem respeito à vida escolar. Para que isso aconteça efetivamente a escola precisa oportunizar esses espaços.

Exemplos de formas frágeis de participação são as que buscam consensos em torno de processos de inovação pedagógica, tecnológica e administrativa que, em última instância, servem para o estabelecimento de consensos e promoção de ajustes já intencionados pelos poderes dirigentes dos grupos ou instituições. Estes necessitam conquistar adesão de seus membros e para isso promovem essa participação de ajustamento como canal para a promoção de mudanças verticalmente concebidas (CARRANO, 2012, p.87).

O estudante de hoje tem sido um protagonista ou apenas um figurante? De que forma os educadores estão contribuindo para isto? Estes são questionamentos fundamentais para pensarmos nossas ações enquanto educadores.

A escola é um espaço riquíssimo de possibilidades, onde os alunos têm muito, não só para ouvir, mas para dizer; não só para aprender, mas para criar; não só para reclamar, mas para agir. Ao lado dos vários problemas do dia a dia da escola, que os alunos podem ajudar a identificar e resolver existe um mundo de temas e atividades para os quais a escola é o lugar perfeito de discussão e realização. As drogas e a AIDS, a formação profissional e a orientação sexual, a gravidez prematura e o trabalho precoce, a ecologia e a cultura, as eleições e os partidos, a violência no bairro e a falta de um semáforo na esquina, tudo isso acompanhado do “bailão” dos sábados, dos campeonatos de xadrez e futebol, do teatro do cineclube, do passeio ecológico e da feira de artesanato, são assuntos da maior importância e que interessam aos alunos, fora e dentro da escola (LUZ, 1998 *apud* MOURA, 2010, p.280).

Reconhecer a influência que a participação no Grêmio Estudantil pode trazer para estes alunos é algo importante, pois vão aprender na prática experiências que irão contribuir para sua formação como cidadão. E a escola é o lugar oportuno para que essas experiências aconteçam. É grande o compromisso e a responsabilidade que o professor tem em contribuir não só apenas com “o conhecimento”, mas com experiências e aprendizagem em várias áreas do conhecimento. E o mais

importante, relacionado ao dia-dia do aluno, com temas que realmente estejam presentes no seu cotidiano.

A participação dos estudantes no Grêmio Estudantil propiciaria aos jovens,segundo seus proponentes,ao longo de sua trajetória, uma série de atributos, como por exemplo: a vinculação com ideais coletivos em detrimento aos valores individuais, liderança, boa articulação de ideias e pensamento crítico. Essa participação dos estudantes na vida escolar é vista como uma forma de democratizar a gestão, cumprindo sua função [...] (MOURA, 2010, p.281).

O autor destaca ainda que é indispensável contar com o envolvimento e a participação de professores, funcionários e alunos, envolvendo-os em projetos que qualifiquem a dinâmica de interação da escola. Uma gestão democrática tende a incentivar e contribuir para que toda a comunidade escolar participe e o Grêmio Estudantil vem contribuir para que isso aconteça, fazendo com que ocorra um maior envolvimento entre os diversos setores que compõe a escola.

Ao observar os jovens entrevistados percebe-se a vontade que eles têm de serem ouvidos, de poder opinar, dizer o que pensam o que esperam e o que gostam.

Também a falta de diálogo do grêmio com a direção, pelo falta de tempo, às vezes a diretora não tá disponível e a orientadora também. (Entrevista - jovem masculino 15 anos)

Acho que deixar agente fazer coisas legais que os alunos com certeza iam gostar. Porque agente não consegue fazer e eles acham que agente não faz nada no grêmio. (Entrevista - jovem feminina 14 anos)

Ficam falando que agente não faz nada, mas na verdade agente não pode fazer. (Entrevista - jovem masculino 14 anos)

Os jovens tem desejado participar, fazer parte da construção, querem sugerir e dar ideias. E as políticas hoje em dia insistem em “oferecer tudo pronto”, porque acham que sabem mais, que realmente sabem do que precisam, mas não se dão conta que se interagisse diretamente com eles desde o início das tomadas de decisão, da discussão, principalmente ouvindo o que tem a dizer, talvez fosse possível atingir muito mais os objetivos e ter melhores resultados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir uma gestão democrática e participativa é bem mais complexo do que muitas vezes se imagina. Ao ouvir os depoimentos dos alunos surgiram muitas questões que servem para refletir, principalmente o porquê é tão difícil mobilizar os jovens para participarem de ações políticas dentro da escola.

Percebe-se que a visão que os adultos têm sobre Grêmios Estudantis não é a mesma que os alunos têm. Para eles não é visto como uma representatividade dos alunos, eles não o veem como um instrumento para lutar pelos seus direitos. Veem mais como uma oportunidade de ajudar, de colaborar com a escola, com o objetivo de torná-la um lugar melhor para eles, pois, segundo o que afirmam, eles sabem bem o que os alunos querem e gostam, pois eles são da mesma idade e convivem com os demais.

Ficou claro também a grande dificuldade que esta agremiação enfrenta. A maioria dos alunos não leva a sério, não tem comprometimento, é muito difícil poder contar com o apoio deles. Deixam clara a dificuldade de se reunirem, por que em outros horários tem outros compromissos. Reclamam da falta de apoio e de liberdade de realizarem o que querem na escola, da falta de condições financeiras e de recursos para fazerem algo diferente.

Com relação à experiência no Grêmios Estudantis algo bem relevante foi que todos foram unânimes em afirmar que a experiência em participar não foi o que esperavam, argumentaram que achavam ser mais fácil, que poderiam fazer o que realmente quisessem.

Participação e democracia, duas palavras muito faladas, mas uma experiência em muito a ser aprendida e desenvolvida no ambiente escolar. Incentivar e apoiar o Grêmios Estudantis de uma escola é um grande desafio, tanto para os gestores quanto para os professores, pois se tem muito que aprender e rever sobre as práticas, e encontrar meios de atingir os jovens.

Na maioria das vezes os jovens são vistos como os grandes responsáveis pela falta de participação, como desinteressados e desanimados. Mas percebe-se que cabe à gestão e aos educadores instigar nos alunos esse desejo de participar,

ouvi-los mais, tentar ver através do olhar deles, não só impor o que acham ser o melhor. O importante é aprender a conhecer melhor a juventude de hoje, o que pensam, seus interesses e ouvi-los sempre que possível, antes de executar os projetos na escola. Eles precisam participar da construção.

Ao abordar o assunto relacionado à participação e atuação do Grêmio Estudantil na escola foi possível perceber essa dificuldade em conseguir contagiar os alunos a terem desejo de participar e de se envolverem em ações na escola. Compreende-se que a complexidade vai mais além do querer participar, faz-se necessário trabalhar mais este aspecto no cotidiano escolar. Talvez ao discutir estas questões relacionadas à cidadania, a luta por direitos que são seus desde cedo, o exercício da democracia e de se fazerem presentes e participantes em questões que são extremamente importantes, possa contribuir para aguçar esta vontade nos jovens de participarem ativamente na escola e mais tarde na sociedade, pois ao serem trabalhados desde cedo aprenderão através da prática desenvolver várias habilidades que irão contribuir para exercício da cidadania.

Outro fator relevante é que falta conhecimento e experiência sobre a gestão democrática e participativa, não se sabe bem como proceder, ainda é algo novo, caminhamos com passos lentos para estas mudanças, há muitos medos e questionamentos em relação à capacidade da comunidade escolar de se fazer participante, atuante e ouvida. Na teoria parece ser algo simples e fácil, mas na prática é bem difícil de realizar.

Mas acredita-se que aos poucos, conquistas estão sendo feitas e precisam ser continuadas. Essas novas mudanças precisam ser experimentadas. Vivenciar está experiência com o Grêmio Estudantil seria uma das oportunidades de concretizar alguns dos requisitos para que se vivencie na escola uma gestão democrática e participativa que valoriza o outro e que procura ouvir todos os segmentos para assim avançar em muitas conquistas na educação.

A participação no Grêmio Estudantil pode trazer grandes contribuições tanto para os alunos, como cidadãos atuantes na sociedade em que estão inseridos, quanto para a escola. Na prática eles aprenderão a trocar ideias, a pensar, questionar, refletir, a terem ideias, a se organizarem, a mobilizar outros e deixar o individualismo de lado em prol do coletivo.

Desta forma a escola e o aluno saem ganhando com isto. A escola enquanto instituição de ensino vai se tornar um espaço onde a democracia será vivenciada na prática, onde todos terão a oportunidade de participar e de ser ouvido. Ao entender melhor o jovem que é atendido na escola, será mais fácil entender os vários problemas que a escola enfrenta atualmente e conseguir encontrar algumas soluções. Pois ao contar com o apoio e participação do aluno ela terá a oportunidade de investigar e analisar todo o contexto onde esse jovem está inserido e entendê-lo melhor ao fazer isso. É necessário investigar para entender e entender para poder mudar. Talvez muitas mudanças que se fazem necessárias na escola, não têm sido feitas pelo fato de não compreender a realidade que está sendo vivenciada. Se a conhecer melhor através da investigação, poderá ser feitas grandes mudanças necessárias para a escola tornar-se um local onde os jovens gostem de estar e onde tenham o desejo de participar ativamente da construção deste espaço de forma democrática e participativa.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elder dos Santos e Mendonça, Marcela Paula de. **Democracia e cotidiano escolar: a escola como possibilidade de participação**. Simpósio Nacional sobre democracia e desigualdades. Brasília, 2012.

BRASIL. **Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm)

BRASIL. **Lei n. 7.398 de 04 nov. 85**. Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes do 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1985.

CARRANO, Paulo. **O Social em Questão** A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. Ano XV - nº 27, 2012

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial p. 1105-1128, out. 2007 1107 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31. set./dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. 20.ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1994.

\_\_\_\_\_. *Planejamento como prática educativa*. Rio de Janeiro: Editora Loyola, 1986.

MARTINS, Francisco André Silva; DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Juventude e Participação: o grêmio estudantil como espaço educativo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1267-1282, out./dez. 2013.

MOURA, Marcilene Rosa Leandro. **O Grêmio Estudantil na Gestão da Escola Democrática: protagonismo e resiliência ou Despolitização das Práticas Formativas?** Revista de Ciência da Educação – UNISAL – Americana – São Paulo – Ano VII - nº 23, 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Como fazer pesquisa-ação?**. 2003. Disponível em: <<http://www.jarry.sites.uol.com.br/pesquisacao.htm>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2015.

SILVA, Maria Beatriz Gomes da; FLORES, Maria Luiza Rodrigues. Formação a distância para gestores da Educação Básica: olhares sobre uma experiência no Rio grande do Sul. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. . Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A escola em debate: Gestão, projeto político-pedagógico e avaliação**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v.7, n. 12, p. 159-166, jan./jun.2013.